



Susan não quer
saber do amor

SARAH HAYWOOD



intrínseca

Susan não quer
saber do amor

Susan não quer
saber do amor

Sarah Haywood

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © Sarah Haywood 2018

Publicado originalmente na Grã-Bretanha, em 2018,
pela Two Roads, um selo da John Murray Press.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios
existentes sem autorização por escrito dos editores.

TÍTULO ORIGINAL

The Cactus

PREPARAÇÃO

Stella Carneiro

REVISÃO

Carolina Vaz

Clara Alves

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

DTPhoenix Editorial

IMAGENS DE MIOLO

Freepik.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H336s Haywood, Sarah
Susan não quer saber do amor / Sarah Haywood;
tradução Ana Rodrigues. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Intrínseca, 2021.
336 p.; 23 cm.

Tradução de: The cactus
ISBN 978-65-5560-166-4
978-65-5560-072-8 [ci]

1. Romance inglês. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

21-69255

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1

Não sou o tipo de mulher que guarda rancor, fica remoendo problemas ou questionando os motivos de outras pessoas agirem da forma que agem. Também não me sinto impelida a ganhar uma discussão a qualquer custo. Mas, como acontece com todas as regras, é claro que há exceções. Não vou ficar parada sem fazer nada vendo uma pessoa sendo explorada por outra, e o mesmo vale para quando sou *eu* que estou sendo explorada — farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que a justiça prevaleça. Não é de surpreender, então, que os acontecimentos deste mês não tenham me deixado outra escolha a não ser tomar uma atitude decisiva e imediata.

Foi o meu irmão, Edward, que me deu a notícia de que a nossa mãe tinha morrido. Embora fossem só cinco e meia da manhã, eu já estava acordada — debruçada diante do vaso sanitário, me perguntando se deveria forçar o vômito ou suportar o enjoo. Colocar para fora alivia o desconforto por alguns minutos, mas ele logo volta. Por isso, após uma análise do custo-benefício, decidi que a melhor opção seria aguentar. Enquanto eu examinava meu reflexo nauseado no espelho, o telefone tocou na cozinha. Era tão raro alguém ligar para o telefone fixo que na mesma hora pressenti que devia ser alguma emergência relacionada à minha mãe. No entanto, terminou não sendo uma emergência. Na verdade, não havia qualquer razão para o meu irmão ligar tão cedo a não ser me pegar desprevenida.

— Suze, sou eu, o Ed. Tenho uma notícia para te dar, e não é boa. Talvez seja melhor você se sentar.

— O que aconteceu?

— Não sei como falar isso, Suze. Sinto dizer...

— Edward, respire fundo. Ela está no hospital?

— Suze, ela morreu. Faleceu ontem à noite. Quando cheguei em casa já eram umas duas da manhã, estava na casa de um amigo, tomando cerveja. A luz do quarto da mamãe ainda estava acesa quando eu cheguei, então bati na porta e dei uma olhada lá dentro. Soube na hora pelo jeito como ela estava caída. A médica já veio e disse que foi um AVC violento. Ainda não consigo acreditar.

Engoli a bile que subiu pela garganta e me sentei à mesa da cozinha. Demorei um instante juntando alguns farelos de torrada em uma pilha, com a lateral da mão.

— Suze... Suze?

— A mamãe *tinha* setenta e oito anos — falei, depois de algum tempo —, e já *tinha* tido dois AVCs. Isso não é exatamente uma surpresa total. — He-sitei. Sabia que deveria dizer algo gentil, mas esse não era meu primeiro instinto no que dizia respeito ao meu irmão. — Mas imagino que deve ter sido muito desagradável encontrá-la — acrescentei. — Desculpe, não tenho tempo para falar mais agora, preciso me arrumar para o trabalho. Ligo para você depois. E... Edward?

— Sim, Suze?

— Por favor, não me chame de Suze.

Eu não esperava me descobrir órfã aos quarenta e cinco anos, uma idade em que a maioria das pessoas ainda tem o pai e a mãe vivos, mas a minha mãe e o meu pai já tinham mais de trinta anos quando eu nasci, e o meu pai padecia de uma certa fraqueza de caráter que abreviou a sua vida. Não vi a minha mãe com a frequência que deveria em seus últimos anos. Sou funcionária pública, trabalho em desenvolvimento de projetos (analisando inúmeros dados complexos e gerando relatórios de desempenho detalhados), e sinto que, quando não estou passando longas horas me digladiando com números grandes em letras pequenas, fico sem saber o que fazer.

Outro motivo para a pouca frequência das visitas era que Edward tinha voltado a morar com a minha mãe, e ele e eu enxergamos a vida de forma diferente — para dizer o mínimo. Na verdade, fazemos o possível para não cruzarmos o caminho um do outro. O meu irmão tem apenas

dois anos a menos do que eu, mas parece ser trinta anos mais novo no que se refere ao desenvolvimento emocional e psicológico — que no caso dele parou na adolescência. E isso não se deve a nenhuma condição mental diagnosticada, mas ao fato de ele ser acomodado e não ter a menor força de vontade. Enquanto eu trabalhei duro para construir uma carreira sólida e um estilo de vida estável, Edward colecionava empregos inúteis, relacionamentos vazios e apartamentos decrépitos. Não é surpresa que ele tenha precisado voltar para a casa da minha mãe mesmo já tendo passado dos quarenta anos.

É um choque receber a notícia da morte de um parente próximo, mesmo que ele seja velho e já não esteja bem de saúde, e descobri que precisava passar vários minutos sentada quieta, organizando as ideias. Mas como eu estava em Londres e o corpo da minha mãe, em Birmingham, não havia muito que eu pudesse fazer em termos práticos. Por isso, decidi ir trabalhar e seguir normalmente com o dia, ou o mais normal na medida do possível, com aquele enjoo que se recusava a ir embora. Não contaria a ninguém no escritório sobre a morte da minha mãe. Já podia imaginar a orgia de suspiros e cuidados exagerados, de abraços pegajosos e expressões de tristeza pela perda de alguém que eles nunca haviam conhecido e que nem sequer sabiam que existia. Esse tipo de cena não fazia mesmo o meu estilo.

Quando saí da estação de metrô perto do prédio onde eu trabalhava, senti a força da onda de calor, que havia chegado a um nível capaz de amolecer o asfalto fresco do lado de fora da saída. O barulho dos carros que se arrastavam pelo trânsito engarrafado parecia amplificado, e a intensidade brutal da luz do sol atingiu com tudo as minhas retinas. Quando já estava relativamente protegida na minha mesa de trabalho, que fica no canto mais calmo de um escritório de conceito aberto, liguei o ventilador e o ajustei bem na direção do meu rosto. Então, já me sentindo mais recuperada, passei alguns minutos, como faço toda manhã, checando como estavam os cactos que tenho distribuídos na frente da minha mesa. Examinei-os para ver se não havia nada apodrecido, ou qualquer parte que parecesse seca ou murcha, tirei o pó deles com um pincel macio e me certifiquei de que os níveis de umidade no composto estavam corretos, e os positionei de maneira que ficassem expostos de forma uniforme ao sol. Depois disso, abri um arquivo e

torci para que lidar com aquele relatório particularmente desafiador, que eu precisava entregar ao meu chefe de departamento no fim da semana seguinte, me ajudasse a empurrar para o fundo da mente o que tinha acontecido no início da manhã.

O meu trabalho pode não ser dos mais empolgantes para alguém formado em Direito, mas combina comigo. A maioria dos meus colegas de curso foram estagiar com advogados e promotores, mas eu fui atraída pela estabilidade de uma carreira no serviço público: as faixas salariais previsíveis, ainda que não muito generosas, a aposentadoria decente e o fato de que eu não estaria sujeita aos caprichos dos sócios seniores, ou dos conselheiros, de uma firma de Direito. Embora eu não precise de diploma para exercer meu trabalho e não tenha o tipo de experiência que viveria caso houvesse optado por uma qualificação profissional, meu amplo conhecimento da lei e do funcionamento da burocracia governamental era incrivelmente útil sempre que eu precisava fazer uma queixa.

Se não fosse a presença de colegas de trabalho, a vida no escritório seria tolerável. Naquele dia, no entanto, eu me vi tendo que lidar com uma lista de aborrecimentos e estresses ainda maior do que o normal. Por exemplo, não eram nem dez e meia da manhã quando o cheiro das sobras de um delivery de comida chinesa — que um dos meus colegas gosta de aquecer no micro-ondas da minúscula cozinha e comer no meio da manhã — se esgueirou até a minha mesa. Senti a bile subindo pela garganta e precisei tomar algo gelado, em abundância, para evitar uma corrida emergencial ao banheiro. Fui até o bebedouro, onde tive a infelicidade de encontrar Tom, um assistente administrativo muito animado, que tinha começado a trabalhar conosco recentemente e que, naquele momento, ainda exibia na vasta barba as evidências da baguete que comera no café da manhã. Ele seria a próxima fonte de irritação.

— Oi, Susan, justamente a pessoa que eu estava procurando. Eu criei um grupo do escritório no Facebook, para organizar idas ao pub e compartilhar as novidades. Me adiciona lá que eu coloco você no grupo.

— Você é novo aqui, não é? — consegui dizer, enquanto enchia o meu copo de água. — Todo mundo sabe que eu não tenho Facebook.

— Nossa, sério? Como você fica sabendo como as pessoas estão? Tem Instagram, ou WhatsApp? Posso criar grupos lá também.

— Não estou *em* nada. Em geral ligar, ou mandar uma mensagem, funciona.

— Sim, funciona para, sei lá, falar com a sua *mãe* ou coisa parecida, mas como você mantém contato com seus antigos colegas da escola e da faculdade? Como organiza a sua vida social?

Eu não estava com paciência para aquilo. Por algum motivo, meus olhos estavam ardendo — talvez fosse a luz forte do escritório. Expliquei brusca-mente a Tom que eu não tinha o menor interesse em manter contato com pessoas com quem havia me relacionado brevemente muitos anos antes e que gostava de levar a vida de forma bastante simples. Se ele sentisse vontade de me informar das idas do pessoal do escritório ao pub, ou de alguma informação importante relacionada ao trabalho, deveria me mandar um e-mail. Também poderia ter sugerido que ele caminhasse os quinze passos que separavam a mesa dele da minha, mas prefiro não encorajar esse tipo de atitude.

Logo depois da uma da tarde, eu estava jogando fora o sanduíche de pão branco com manteiga que tinha esperado conseguir tolerar e me esforçando mais uma vez para não pensar em coisas indesejadas, mas fiquei irritada ao ver Lydia — uma colega de trinta e poucos anos, que tinha ficado solteira recentemente — perambulando pelo escritório. A cada minuto, mais ou menos, ela checava uma pulseira. Eu precisava começar a analisar uma tabela que havia imprimido antes do rápido intervalo que fizera, mas a tarefa estava se tornando impossível com a minha colega andando de um lado para outro.

— Lydia, você está sendo irritante *de propósito*? — perguntei, furiosa, na quarta vez que ela passou pela minha mesa.

Ela me disse que tinha ganhado de aniversário um monitor de atividade física e estava dando os dez mil passos que precisava dar diariamente. Tinha que entrar em forma, agora que estava de volta “na pista” — não eram exatamente aquelas palavras que eu escolheria para descrever nosso status compartilhado de solteirice. Na quinta vez que ela passou, perguntei por que não caminhava do lado de fora, como uma pessoa normal. Ao que parecia, aquilo não era uma possibilidade — Lydia tinha um encontro às cegas naquela noite e não queria ficar coberta de suor e poeira por andar na rua. Na sexta vez, ela disse que eu parecia tão interessada na caminhada que talvez quisesse me juntar a ela. Passei a oportunidade. Na volta número sete, eu

estava prestes a esganar a mulher. Precisava desesperadamente de silêncio e paz para me concentrar em sobreviver àquele dia pavoroso. Sugeri que Lydia experimentasse subir e descer as escadas, assim eliminaria os quilos em excesso do traseiro na metade do tempo.

— Já entendi, Susan. — Lydia bufou, mudando o trajeto e atravessando as portas vaivém. Tenho certeza de que não devo ter sido a única a soltar um suspiro de alívio.

Era meio da tarde e Tom — competindo com Lydia pelo título de colega mais irritante do dia — parou do lado da minha mesa. Tentei ignorá-lo, mas ele parecia decidido a ficar em pé ali e esperar até que eu olhasse para ele.

— No mês que vem vou fazer uma maratona de pubs para arrecadar fundos para a caridade e estava pensando se você não gostaria de contribuir — falou ele. — Posso mandar o link para a doação direto para o seu e-mail, já que você não pretende se juntar tão cedo ao século XXI.

— Qual é a caridade? — perguntei, e abaixei a caneta.

— Ainda não decidi. Só sei que preciso fazer alguma coisa significativa com a minha vida. Talvez eu doe para os pandas... adoro pandas... ou talvez para combater o aquecimento global, que é um negócio que realmente vem me preocupando. Mas há tantas causas ótimas. Por onde se deve começar? — Ele fez uma expressão de tristeza exagerada.

— Ouvi dizer que a Associação de Combate ao Acidente Vascular Cerebral faz um trabalho muito bom — comentei.

Não sei por quê, mas meus olhos começaram a arder de novo.

— Pode ser, mas não é muito sexy. E, de qualquer forma, acho que um amigo meu raspou a barba pelas vítimas de AVC no mês passado. Quero fazer alguma coisa diferente.

— Bem, volte a me procurar quando tiver se decidido — falei, e girei a cadeira para longe dele.

Todo mundo do escritório estava levantando fundos ultimamente. Antes, eram só uma ou duas ações por ano, mas agora parecia que tínhamos um fluxo constante de doações disso, eventos beneficentes daquilo... caminhando, correndo, pedalando, nadando, fazendo montanhismo ou trilhas, atravessando a lama. Não estou reclamando, veja bem. Aprovo totalmente que as pessoas usem sua energia para o bem de outros em vez de para si próprias

— bem, se você deixar de lado os benefícios para a saúde que vêm junto e a imagem de virtuoso. Mas, dito isso, as interações pessoais que pareciam ser parte integrante dessas coisas *realmente* tinham um impacto negativo na produtividade do escritório. Resolvi dar uma palavrinha com a minha gerente direta, Trudy, embora não estivesse com muita vontade de fazer isso. Teria sido melhor não ter me dado ao trabalho... ela se revelou outra fonte de problemas.

Trudy se juntara ao departamento no mesmo dia, e no mesmo nível, que eu, há mais tempo do que gosto de pensar. A princípio, ela ficava me perturbando para tomarmos uma xícara de café juntas na hora do almoço, ou uma taça de vinho depois do trabalho, mas logo percebeu que era inútil. Desde então, Trudy se dedicou com afinco a escalar até alturas vertiginosas os cargos de gestão, ao mesmo tempo em que tirou quatro licenças-maternidade. Fotos dos produtos finais desses interlúdios tinham destaque em sua mesa, com toda a glória dos dentes proeminentes e rostos sardentos.

Enquanto Trudy permanecia recostada na cadeira com um sorriso indulgente, expliquei como faria sentido, em termos de produtividade, ter um horário, todo mês, em que as pessoas poderiam promover seus trabalhos benéficos, arregimentar participantes e recolher doações. Trudy, que, eu presumo, estava tentando ser engraçada, disse que faria mais sentido, em termos de eficiência, termos um horário todo mês em que eu pudesse fazer, de uma vez, todas as minhas sugestões para aumentar a produtividade. Ela deu uma risadinha. Eu não. Talvez Trudy tenha percebido a minha insatisfação, já que a sua expressão passou de divertimento a preocupação. Ela perguntou se estava tudo bem comigo, se eu teria pegado a gripe que estava rondando o escritório. Quando me ofereceu sua caixa de lenços, pedi licença e saí da sala.

Seis e meia da noite. O único som era o zumbido distante do aspirador de pó, que ia ficando cada vez mais alto conforme se aproximava do escritório agora vazio, e os pensamentos insubordinados lutavam para voltar à tona. Estava desligando o computador e guardando o celular na bolsa quando a nossa faxineira romena, Constanta, abriu a porta e entrou bufando. Eu me preparei para o nosso diálogo de sempre.

— Boa noite, Susan. Como está hoje?

— Excelente — menti. — E você?

— Tudo ótimo. Estou sempre ótima. Você é a última pessoa aqui?

— Como sempre.

— Ah, você trabalha duro, Susan, como eu. Não é como outros vagabundos por aí.

Ela se aproximou da minha mesa e se inclinou em um sussurro conspiratório, seu hálito quente no meu rosto.

— Aquele ali. Ele deixa lenços de papel sujos no chão. Lenços de papel cheios de ranho e de melecas. Eca. E aquela outra. Ela deixa xícaras largadas pela mesa, com marcas grossas e oleosas de batom. Por que não leva as xícaras de volta para a cozinha? A mulher tem metade de um armário cheio de xícaras. Eu costumava limpar a mesa dela, agora não me dou mais o trabalho. Não sou mãe dela. Crianças. — Ela endireitou o corpo. — Então, Susan, ainda não arranjou marido?

Se fosse qualquer outra pessoa, eu a mandaria cuidar da própria vida, mas Constanta e eu tínhamos a mesma conversa todo dia, e eu já decorara as minhas falas. Disse a ela que devia estar brincando.

— Uma moça muito sensata. Homens! A gente se mata para ganhar dinheiro, então chega em casa e começa a se matar de trabalhar lá também. E o que eles fazem quando terminam de trabalhar? Colocam os pés para cima e ficam esperando ser mimados, ou se mandam para só Deus sabe onde, com o dinheiro que ganharam, e voltam para casa de bolsos vazios. O meu próprio marido, Gheorghe, desapareceu como fumaça... *puf*. E me deixou com quatro filhas para criar. Estão todas casadas agora, e os maridos delas também são uns inúteis. Faço faxina em três lugares para poder mandar dinheiro para as minhas meninas. E digo para esconderem embaixo das tábuas do piso.

— Elas têm sorte de ter uma mãe como você — disse, já pronta para ir embora, enquanto checava se o meu cartão do metrô estava no bolso e desligava o ventilador. Eu parei; as palavras soaram diferente naquele dia.

Constanta estava sorrindo.

— Somos iguais, você e eu. Sabemos o que queremos da vida e sabemos como conseguir. Não nos importamos com o que as pessoas pensam. Você é uma boa pessoa, Susan.

Ela se adiantou para apertar a minha bochecha, mas então se lembrou de que eu sempre evitava aquele tipo de contato e atravessou a sala para li-

gar o aspirador de pó. Ao sair do prédio, fui novamente atingida pelo calor que irradiava do pavimento, e fiquei satisfeita por ter conseguido manter as defesas de pé o dia inteiro, apesar da ofensiva intensa dos meus colegas de trabalho. Ninguém jamais teria adivinhado o que havia acontecido naquela manhã. Mas a verdade é que eu não tenho problemas em esconder os meus sentimentos dos outros. Você vai ver: é um talento meu.

Ao chegar em casa, liguei para Edward. Era estranho falar com ele duas vezes em um único dia, e de forma tão civilizada para variar. As circunstâncias forçavam que deixássemos de lado nossas consideráveis diferenças e trabalhássemos juntos, ao menos até o funeral passar e a questão dos bens estar resolvida. Edward me informou que o corpo já havia sido levado, e que ele agendara o funeral provisoriamente para a sexta-feira da semana seguinte. Uma cremação, avisou. Eu não tinha qualquer objeção àquilo — nunca consegui entender o motivo de alguém querer que o corpo de um membro da família apodrecesse na terra úmida, ou por que gostariam de um túmulo para visitar com frequência, como se a alma do falecido fosse ficar encarapitada na lápide esperando por uma visita e um bom papo. Ótimo, então, eu e o meu irmão estávamos de acordo.

— Não imagino que ela tenha deixado um testamento — continuei. — A mamãe nunca mencionou nada. As únicas providências a tomar serão vender a casa e checar alguns investimentos, para dividirmos o valor entre nós. Eu me encarrego disso.

Uma pausa.

— Na verdade, ela fez um testamento, Suze. Algumas semanas atrás. Mamãe escutou em um programa de rádio qualquer que todo mundo deveria fazer um testamento. Eu disse que não achava necessário, mas você sabe como ela era.

Houve um tom defensivo na voz dele, ou isso era só uma impressão minha ao ver as coisas em retrospectiva?

— Sérioo? Ela não comentou nada comigo.

Edward já havia entrado em contato com os advogados para informar a eles da morte de mamãe, o que achei uma atitude prática impressionante vinda do meu irmão, cujos talentos executivos geralmente não vão além de apostas combinadas ou de pedir uma pizza.

— Eles me disseram que vão pegar o testamento e entrar em contato com a gente. Estou deixando tudo nas mãos deles. Não entendo nada dessas coisas.

Eu estaria cheia de trabalho a semana toda, por isso fui forçada a ir contra o meu bom senso e confiar em Edward. Dei a ele instruções detalhadas em relação ao registro de óbito e uma lista de locais adequados para o velório, e o orientei para que checasse a agenda de endereços da mamãe para encontrar contatos de amigos que deveriam ser avisados. Edward bufou quando perguntei se ele era capaz de fazer tudo aquilo.

Eram nove da noite quando desliguei o telefone. Eu não tinha comido nada o dia todo, exceto dois biscoitos no café da manhã, e estava me sentindo tonta. Preparei uma porção pequena de arroz e me sentei diante da mesa da cozinha para tentar controlar a náusea crescente. As portas francesas que davam para o jardim no pátio estavam abertas, deixando entrar os uivos do bebê recém-nascido do andar de cima e o fedor da lata de lixo do apartamento do lado. Para deixar claro: moro em um apartamento térreo de uma casa vitoriana no sul de Londres. Morei aqui de aluguel por mais de dez anos, até o proprietário decidir vender o apartamento — a essa altura, eu já tinha conseguido economizar o suficiente do meu modesto salário de funcionária pública para pagar a entrada. Então, agora sou a proprietária, ou para ser mais específica, a detentora de uma hipoteca colossal.

Enquanto eu reunia forças para levar o garfo à boca, fiquei olhando para Winston, o gato do vizinho, laranja e robusto, que se limpava meticulosamente em cima das lajotas de cerâmica do meu pátio. Não costumo ser muito fã de gatos — não me agrada o modo como se esgueiram para baixo de carros estacionados, ou como fogem por entre as grades quando tentamos ser amigáveis. Mas Winston é uma exceção. Ele fica parado quando a gente se aproxima e tolera carinhos até certo ponto, quando então boceja, se espreguiça e se afasta lentamente. Winston não se deixa intimidar por ninguém e não sente nenhuma necessidade de agradar. Ele parece “O gato que andava sozinho”, de Kipling, uma das minhas histórias favoritas na infância. Eu me lembro do meu pai, em seus momentos mais lúcidos, me colocando sentada em seu colo e lendo essa história para mim de um volume surrado de *Histórias assim*. Observando Winston, eu me perguntei onde aquele livro estaria agora. Provavelmente jogado em uma caixa no

sótão, o que me fez pensar no trabalho que eu e Edward teríamos para limpar a casa antes de vendê-la. Pensar naquilo, no estado em que eu estava, era desanimador.

Quando, alguns dias depois, decidi ligar para Edward e checar como ele estava se saindo com a lista de tarefas que eu dera, o telefone tocou por um tempo longuíssimo. Já estava prestes a desligar quando uma voz que não era a de meu irmão murmurou:

— A...lô?

Hesitei, me desculpei por ter ligado para o número errado e desliguei, antes de me dar conta de que eu havia ligado para o número de mamãe salvo na discagem rápida do celular. Liguei de volta na mesma hora. E, de novo, aquela voz sonolenta atendeu.

— Acabei de ligar. Essa é a casa dos Green? De Patricia Green... a falecida Patricia Green... e do filho dela, Edward?

— É, sim.

— Aqui é a Susan, irmã do Edward. Gostaria de falar com ele agora mesmo.

— Ah, Susan. Sim, ahn, certo. Vou só checar se ele está por aqui.

Alguns murmúrios, seguido pela voz do meu irmão ao telefone, em um tom de animação forçada.

— Oi, Suze, como vai?

— Edward, quem é esse homem e por que ele está atendendo o telefone da mamãe?

— Ah, é o Rob. Eu disse que ele podia ficar aqui por algumas semanas até conseguir se ajeitar. Ele acabou de voltar de viagem. É um cara incrível.

— Não estou nem aí se ele é incrível. Não quero estranhos hospedados na casa de mamãe. Mande ele embora. A mamãe morreu há cinco minutos e a casa está cheia das coisas de valor dela.

— Escute, Suze...

— *Susan*.

— Escute, conheço o Rob desde a faculdade. Você já até se encontrou com ele algumas vezes, anos atrás. Ele está precisando de ajuda. Rob me apoiou quando eu estava passando por um momento difícil, e agora é a minha vez de apoiá-lo. Não vou mandar ele embora... o cara não tem para onde ir.

A lealdade do meu irmão aos amigos de bebedeira é realmente admirável.

Decidi deixar para resolver o assunto pessoalmente, quando estivesse em Birmingham. Não demoraria muito para colocar aquele Rob para fora de casa. Voltei a conversa para a questão mais premente dos planos para o funeral. Edward me disse que eu ficaria feliz em saber que o velório já estava organizado — ele alugara o salão dos fundos de um pub chamado The Bull's Head.

— Podemos levar a comida se quisermos, e abrir uma conta no bar — disse ele com orgulho na voz.

Expliquei que aquilo era absolutamente inapropriado e que ele teria que cancelar.

— Mamãe só bebia chá. Ela ficaria horrorizada só de pensar que depois do seu funeral os amigos dela se reuniriam em um pub.

— Bobagem. A mamãe não era completamente abstêmia. Ela gostava de um bom xerez ou de meio copo de cerveja com limonada de vez em quando. E ia ficar feliz de saber que as pessoas estariam se divertindo no seu velório, que é o que vão fazer no The Bull's Head. Mamãe não ia querer xícaras de chá de porcelana e conversas educadas.

— Isso é *exatamente* o que ela gostaria. Esse é o tipo de pessoa que ela era. A mamãe não era mulher de ficar tomando canecos de cerveja em um bar qualquer.

— Bem, mas é assim que vai ser, Suze, e todos vamos nos divertir e contar histórias divertidas sobre ela e também ficar um pouco bêbados. E se você não gostar, o problema é seu.

SUSAN PASSOU BOA PARTE DA VIDA TENTANDO SE MANTER AFASTADA DAS CONFUSÕES QUE OS SENTIMENTOS PODEM CAUSAR.

Advogada por formação, optou por evitar o incômodo de lidar com os problemas dos outros e trabalha como analista de dados em Londres. Seu pequeno apartamento lhe parece ideal, pois atende a suas necessidades. E até mesmo sua vida amorosa, se é que se pode chamar assim, é cuidadosamente coreografada: em vez de namorar, ela mantém há anos um relacionamento sem qualquer envolvimento emocional, mas que lhe garante companhia e intimidade pelo menos uma vez por semana.

Quando a mãe de Susan morre e ela descobre que está grávida sem nunca ter cogitado a maternidade, o pior acontece. Susan começa a perder o controle.

Para desequilibrar de vez a equação, o testamento diz que a casa da família deve ser de seu irmão irresponsável, e, certa de que a mãe foi manipulada, ela decide levar o caso à justiça. No entanto, conforme o mundo organizado de Susan vai se desfazendo, um aliado improvável lhe mostra que, para abraçar essa nova vida, talvez seja preciso relaxar um pouco.

Ao mesmo tempo uma lufada de ar fresco e um abraço bem apertado, a obra de estreia de Sarah Haywood presenteia o leitor com uma personagem inesquecível, tão irritante quanto carismática. Com graça e leveza, *Susan não quer saber do amor* explora o eterno dilema: vale tentar controlar tudo mesmo sabendo que vai falhar?

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1084/>